

A BUSCA MODERNA E O RETORNO AO SI- MESMO

Carla Indiara Lemos¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo explicitar algumas considerações sobre como a conexão com o *divino* contribui na busca de sentido para a vida na atualidade. Para tal, foi utilizada metodologia reflexiva tendo como base a perspectiva de autores que abordam o tema em questão. Verificamos que a crescente procura por valores fora do indivíduo é característica recorrente dos tempos modernos e que necessitamos caminhar para a realidade espiritual numa atitude desperta. Ao sair da inconsciência desenvolvemos a nossa religiosidade, abrindo um canal de manifestação que independe das igrejas, templos ou santuários, e que nos aproxima da nossa realidade mais profunda e essencial no contato com o Self.

Palavras-chave: Espiritualidade. Self. Alma. *Imago Dei*. Arquétipo.

Abstract: This paper aims to emphasize some considerations on as the connection with the *divine* contributes at the present time in the search to the life sense. For such, was used reflexive methodology having base on the author's perspective approach to the subject. We found the growing demand for values out of the individual is a recurrent feature of the modern times and that we need to walk towards the spiritual reality in an awaken attitude. When leaving the unconsciousness we develop our religiosity, opening a manifestation channel that does not depend on the churches, temples or sanctuaries and that approximates us our deeper and essential reality in the contact with the Self.

Key-words: Spirituality. Self. Soul. *Imago Dei*. Archetype.

¹Psicóloga graduada pela Universidade de Santa Cruz do Sul/RS. Especialista em Psicologia Analítica Junguiana pela FATO (Faculdades Monteiro Lobato) de Porto Alegre/RS.

1 INTRODUÇÃO

*Não há voo mais divino que o da alma.
(Alberto Santos Dumont)*

Tendo em vista a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961), este artigo propõe uma reflexão sobre como a conexão com o *divino* contribui na busca de sentido para a vida na atualidade, tendo como base a perspectiva de autores que abordam essa temática. Dentre eles: Aniela Jaffé (1983); James Hillman (1984); Carl Gustav Jung (1961); Christine Downing (1991); Edward Edinger (1986), etc.

Coube a Jung o mergulho no mistério humano e o mérito de ter mostrado a espiritualidade sob outro aspecto que não o da religião, mas como uma dimensão profunda do humano. A espiritualidade se centraliza ao redor da *imago dei* (a imagem de Deus), que é aquele arquétipo mais profundo que eleva o ser humano acima do seu próprio universo, religando-o ao sentimento de pertença a algo maior que não está fora, mas dentro de nós (Boff, 2011).

Jung desenvolveu a arte de decifrar o sentido das simbologias humanas, os grandes mitos da humanidade. Há no método de Jung um caráter finalista na observação dos fenômenos psíquicos, tendo em vista a sua concepção teleológica do homem e da vida. A sua pesquisa científica não era apenas um assunto do intelecto, mas se alicerçava também na própria experiência e à de seus pacientes.

Um conceito fundamental na psicologia de Jung é o arquétipo do Self ou *Si-mesmo*, o qual se coloca como centro organizador da psique, uma instância autônoma que integra e equilibra aspectos criativos e curativos por representar a “essência da totalidade psíquica”, o núcleo mais profundo da personalidade, a imagem de Deus em nós. Deste modo, “somos conduzidos a essa entrega livre ou voluntária de si pelo Self, pelo seu impulso de desenvolvimento e realização própria” (JAFFÉ, 1983, p.90).

Ao observar atentamente os interesses e por onde se direcionam os meios de comunicação e a teledramaturgia, percebemos a crescente necessidade de interiorização, do *voltar-se para dentro* enquanto possibilidade de aquisição de sentido frente a uma sociedade ferozmente atrelada ao capitalismo, ao consumismo desmedido e aos impositivos imediatistas caracterizados por uma cultura da beleza e juventude eterna, estendendo-se a um mercado de trabalho devorador em seu aspecto competitivo.

As pessoas se mantêm, frequentemente, focadas em questões externas e negligenciam a necessidade de gerar significado em suas vivências e de atender a algo maior que nos coloca frente ao nível arcaico que há em nós, isto é, do inconsciente comum a toda a humanidade e que nos religa a uma experiência de unidade com a natureza e o cosmos, forçando-nos a mergulhar mais fundo para atender a necessidade de vida e renovação.

O vazio existencial se faz presente quando ocorre a dissociação entre uma vida com significado e o contexto geral de experiências que não dão conta de atender a complexidade e totalidade do ser. Nessa conjectura, a alma orienta para o resgate de valores esquecidos através do empreendimento de uma percepção mais profunda do mundo do *Si-mesmo* para que cheguemos a uma “verdadeira relação de complementariedade” (PERERA, 1985).

Este artigo nos convida a fazer uma *descida* e iniciar um diálogo de proximidade com a imagem do Deus que nos habita. Como bem nos diz Edinger (1987), sempre há algo que o pequeno pode acrescentar ao que é maior.

2 REALIDADE PSÍQUICA

À frente dos processos de vida, encontra-se o Self, pois é dele que tudo parte, onde individual e coletivo se relacionam. Trata-se de um centro originário e divino do qual provêm ordem e organização, situado além das fronteiras da psique, por isso não pode ser definido nem contido pelo domínio psíquico. Esse arquétipo apresenta-se para nós como a imagem do divino, pois representa a essência da totalidade psíquica e é simbolizado na psique como *imago dei*.

A alma é outra abordagem fundamental na teoria de Jung e está relacionada à psique em seu aspecto mais profundo. Por isso a busca de sentido implica em processo de alma, num transitar por regiões psíquicas que restauram o sentido de vida e que empreendem uma passagem para dentro, e, a seguir, para fora, no retorno ao mundo.

Afastar-se da alma, é afastar-se do profundo que há em nós. A alma deseja ser reconhecida em processos psíquicos negligenciados, ela pede que o indivíduo se encoraje a olhar para o mundo e procurar em cada evento algo mais profundo, numa busca interior de significados. Essa busca é atingida por meio da vivência da religiosidade interna que nos leva ao encontro com o Self.

A proximidade com o Self é a passagem para a experiência interior. Conforme JAFFÉ (1983), “só assim a consciência se delimita em relação ao inconsciente, amplia a sua esfera e a personalidade se desenvolve” (p.58).

Para a Psicologia Junguiana, a psique em si mesma é “animada, antropomórfica, dramática” (DOWNING, 1991, p. 22). Podemos considerá-la como campo energético, como processo dinâmico e não uma estrutura estática. Uma psique *animada* quer dizer a alma que tende a se *animar*, ou seja, a imaginar por meio de imagens e símbolos (Hillman, 1993). Eis que a alma diz respeito à profundidade da experiência e deve ser imaginada, não definida, sempre numa perspectiva reflexiva entre nós e os eventos. De uma forma ampla, a alma é metáfora e ao mesmo tempo um campo de experiências, traduzindo-se em matéria viva.

Jung conferiu alma à sua teoria quando confrontou seu próprio inconsciente ao observar as imagens psíquicas, os seus próprios sonhos e os de seus pacientes, bem como ao ocupar-se com o estudo comparativo das religiões e com a mitologia (Jaffé, 1983). Tudo isso contribuiu para dar maior profundidade à psicologia.

Na perspectiva junguiana a alma está ligada aos processos psíquicos onde são enfatizadas a pluralidade e a profundidade da psique. A alma está associada à equação pessoal sendo, assim, o instrumento de captação do mundo, a instância psíquica que nos permite perceber a realidade. No território da alma, realidade é fantasia e fantasia realidade. Jung considera a alma como um sistema de matéria viva que movimenta o processo vital. A alma liga o divino à experiência e nos remete àquilo que somos (WERRES, 2001).

A alma é aquilo que está nas profundezas, é múltipla, pessoal, feminina, metafórica e circular (repete-se infinitamente na tentativa de aprofundamento); remete-se aos sonhos e às imagens numa busca constante de renovação de significados. O ato de cultivar a alma é encaminhar-se para uma realidade imaginal, é conceder um olhar mais cuidadoso aos símbolos que aparecem em nossa psique, seja através de sonhos, desenhos, sintomas e até mesmo pela fala e pelo corpo. Os símbolos ampliam a consciência e provocam a transformação necessária.

De modo geral, a psique comporta os conteúdos conscientes e inconscientes; elementos pessoais e coletivos, ou seja, possui estruturas universais, resíduos arcaicos. Isso quer dizer, de acordo com o modelo Junguiano de estrutura psíquica, que temos o *inconsciente pessoal* (material reprimido e esquecido); e o *inconsciente coletivo*, o qual é atemporal e universal, além de ser a herança do desenvolvimento comum a todos os homens e mesmo a todos os animais, e constitui a verdadeira base do psiquismo individual.

O inconsciente é uma esfera oculta e transcendental do ser, uma realidade incognoscível e é por isso que não podemos perceber diretamente os seus efeitos e o seu poder. Essa impossibilidade de controlá-lo e ao mesmo tempo não poder fugir ou evitar a sua ação sobre nós é que lhe confere o caráter numinoso, compelindo ao homem designá-lo como divino (Jaffé, 1983).

A sua “espiritualidade” é mais nitidamente evidente na *experiência* imediata das suas manifestações, “uma experiência de fundamental importância”. Um homem pode ser profundamente afetado por um conteúdo arquetípico, porque a sua manifestação na consciência irradia todo o poder de um nune. Esse aspecto numinoso “merece, acima de tudo mais, o epíteto de ‘espiritual’” (JAFFÉ, 1983, p. 22).

Como vimos, o inconsciente é um sistema criativo das experiências humanas e fonte viva de todas as forças instintivas da psique e contém as formas ou categorias que as regulam, quais sejam precisamente os arquétipos. Estes são padrões da natureza humana, dizem respeito a todas as ideias e representações mais poderosas da humanidade.

Mais precisamente, os arquétipos colocam-se como parte estrutural da psique e são os conteúdos do inconsciente coletivo, norteados por impressões psíquicas arcaicas que representam os instintos comuns a todos os indivíduos. As imagens arquetípicas formam o elemento da experiência pessoal de cada um e se colocam como base comum e inata nos seres humanos, possibilitando o acesso ao conteúdo arquetípico.

Arquetípico refere-se ao valor de uma imagem, dotando-a com o significado mais abrangente, rico e profundo possível. As imagens são o meio através do qual toda a experiência se torna possível, têm qualidade autônoma, independente e indicam complexidade numa multiplicidade de significados.

Segundo a teoria Junguiana, a consciência nasce a partir do *si-mesmo* através das relações com o mundo externo e as introjeções daí decorrentes. Como entidade consciente, temos o ego que se desenvolve ao longo da vida; está subordinado ao Self e mantém com ele uma relação de parte para o todo (Jung, 1982). Se forma a partir do conflito entre mundo interno e externo ao mesmo tempo em que fornece identidade, continuidade e personalidade.

Jung diz que “a princípio, a ampliação da consciência é revolta e escuridão, e depois uma expansão do homem para o homem como um todo” (EDINGER, 1986, p. 86).

O termo “Self” pareceu-me adequado para esse substrato inconsciente, cujo verdadeiro expoente na consciência é o ego. O ego está para o Self como o que se move está para aquilo que o desloca, como o objeto está para o sujeito, porque os fatores determinantes que provêm do Self cercam o ego por todos os lados e, portanto, lhes são sobreordenados... Não

sou eu que me crio, mas, sim, eu aconteço a mim mesmo (JUNG apud DeBus, David, 1991, p. 65).

Jung reconhece como tarefa cultural e religiosa do indivíduo moderno, de acordo com o espírito da época, a conscientização do Self como totalidade humana paradoxal e como imagem paradoxal de Deus (Jaffé, 1983), considerando-o como núcleo mais profundo da personalidade. O Self tem essa dupla natureza porque contém polaridades pessoais e transpessoais, como o bem e o mal, o feminino e o masculino, a ordem e o caos, a complexidade e a simplicidade (DeBus, 1991).

Entendemos que a problemática dos opostos é tema central na psicologia analítica. A psique se constela por opostos e a tensão entre os opostos é que gera o símbolo (mecanismo psicológico que transforma energia). O próprio *Si-mesmo* é chamado por Jung de *complexio oppositorum* (Boechat, 2009).

2.1 Conciliação com o *Si-mesmo*

A proposta de Jung em sua visão de totalidade é que lancemos um olhar cuidadoso sobre a espiritualidade, isto para ele seria uma atitude respeitosa para com a vida, pela conexão com o *Si-mesmo* que deve ganhar mais lugar e presença no humano, no intuito de atingir uma autêntica experiência de significado.

Esse apontamento nos faz refletir sobre a realidade de que junto aos valores hoje cultuados, o ego ganha força e sustentação na tentativa de ocupar um lugar que é da alma, e essa inversão traz consequências como a depressão, os transtornos de ansiedade, as manias, as perversões e os sofrimentos de toda ordem, inaugurando também a era da compulsão medicamentosa.

É inevitável dar-mo-nos conta da sucessão de acontecimentos no trânsito humano que levam a massificação dos valores e conquistas individuais, remetendo o ser humano a fenômenos aflitivos resultantes da carência de valores existenciais para o desenvolvimento de uma consciência renovada em consonância com o Self, com as nossas verdades essenciais. A realidade atual expõe a necessidade dessa reconexão com o Self, uma vez que as pessoas estão numa busca equivocada por aquisições materiais, vícios e compulsões.

As situações que ensejam sofrimento e solicitam mudança, apontam para o inconsciente que está a manifestar a sua vontade e quer mostrar a viabilidade de algo que deve ser lançado à consciência e incorporado à vida.

A capacidade emocional e intelectual para mudar a realidade é um aspecto intrínseco da condição humana, assim como o inconsciente, que também age nesse percurso só que alicerçado em uma sabedoria profunda e arquetípica, diferente do ego que se organiza a partir da realidade externa. Isso implica, naturalmente, que deve haver uma cooperação entre ego e inconsciente, ambos encarregadas de uma mesma tarefa, que é a realização do indivíduo. O que acontece é que se criam barreiras invisíveis entre essas instâncias, ocasionando um desequilíbrio de interesses que afetam o fluxo de energia psíquica.

Ao considerar essa ideia, estamos alertando para um desfecho natural da vida. Usemos como exemplo elucidativo e metafórico desse processo, o curso de vida de uma semente. O inconsciente 'provoca reações' em pessoas que possuem em seu âmago alguma 'semente' que está pronta para ser trabalhada. A semente é então encharcada e depois fica em repouso no seio da mãe terra. Só depois de morrer e putreficar é que surgem os primeiros brotos que rasgam a terra em busca da luz do sol (Souza, 2004).

Temos aí uma tarefa que implica em trabalho psíquico, em renúncias e em estar disposto a encarar um mundo que, apesar de obscuro e amedrontador, traz a aurora frutífera. A transformação exige que andemos pelos pântanos sombrios da alma, para que desenvolvamos a força criativa que nos promove a atitude renovada na aquisição de valores essenciais. Metaforicamente, precisamos cuidar do terreno psíquico, regar a terra e lhe dar a devida atenção para que façamos a colheita ofertada e merecida.

O processo de individuação está a serviço nesta missão ao gerar tensão e posterior integração dos opostos na consagração da totalidade do ser. Nessa dinâmica de opostos há uma contínua atração entre si, entre o consciente e o inconsciente, o ego e o *Si-mesmo*, e a necessidade de integração (Boechat, 2009). Essa integração acontece pela aproximação das esferas consciente e inconsciente, e é nessa interação criativa que os símbolos se apresentam. Conforme PENNA (2005), “a presença do símbolo provoca uma experiência numinosa para a consciência. O caráter numinoso do símbolo mobiliza o ego na direção do desconhecido, predispondo-o ao encontro com o Si-mesmo inconsciente” (p. 155).

Com relação a isso, a meta do processo de individuação é a construção da individualidade integral, realizando a integração do eu com as demandas arquetípicas e com as necessidades e exigências do mundo (Penna, 2003).

Além disso, a individuação sempre encerra sacrifício, pois sacrifício é uma afirmação da tarefa que a vida representa. O humano é livre para ampliar a sua consciência, dispondo de seu

próprio eu que é conduzido a essa entrega livre ou voluntária de si pelo Self no seu impulso de desenvolvimento e realização própria (Jaffé, 1983).

Jung asseverou que a finalidade da vida não é a aquisição da felicidade, mas a busca de sentido, de significado, trabalhando o ser interno numa busca interior do indivíduo frente à vida, despertando para um sentido mais profundo de realização e autoencontro. Desse modo, “a base da existência em um nível profundo não é apenas a minha base pessoal; é o apoio universal de cada um, ao qual todos encontram acesso pela conexão interior” (HILLMAN, 1984, p. 36).

Nesse contexto, o sentido psicológico é o de conexão com os recursos internos criativos rumo à cooperação do ego com o Self. A consciência do eu é o veículo de toda experiência, é através do eu que a individuação se torna realidade (Jaffé, 1983). Esse processo visa à integridade e o respeito individuais, desidentificando com a inconsciência da massa coletiva.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente procura por valores fora do indivíduo é característica recorrente dos tempos modernos. As pessoas sofrem de uma inconsciência diante da dicotomia entre mundo externo e interno. Há uma desmedida nesse percurso, gerando desequilíbrios de toda ordem. A permanência na superfície impede a transformação de energia inconsciente em energia consciente. Ao sair da inconsciência desenvolvemos a nossa religiosidade, abrindo um canal de manifestação que independe das igrejas, templos ou santuários. Essa consciência profunda nos leva para a realidade espiritual numa atitude de despertar.

À frente dos conflitos e da sociedade moderna está o ego organizando e julgando as nossas experiências, bem como se beneficiando das facilidades e superficialidades que camuflam as demandas internas. Tendo isso em vista, podemos pensar que quanto mais o ego estiver em comunhão com o Self, menor a probabilidade de sucumbir aos anseios e desejos emergenciais que pedem satisfação a qualquer custo.

A experiência do misterioso como nossa expressão maior, oculta e ao mesmo tempo regente, viva e esquecida, pede passagem para lograr a semente que precisa ser regada na consciência, num ritmo de alma que faz vibrar o adormecido, o essencial da vida. A psique enquanto rede interativa com seus departamentos específicos e colaborativos solicita que trabalhem, que movimentemos as energias e preparemos a “terra” para que o sol adentre as

veredas escuras do desconhecido. É um trabalho de dar forma ao invisível e de render-se ao que está por vir.

4 REFERÊNCIAS

EDINGER, Edward. O Encontro com o Self. São Paulo: Ed. Cultrix, 1986.
_____. A Criação da Consciência. São Paulo: Difel, 1987.

BOFF, Leonardo. Jung e espiritualidade.

Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=d7PX04QIgiw&feature=share>. Acesso em: 02 fev. 2012.

DeBUS, David. O Self é um Alvo Móvel: O Arquétipo da Individuação. IN: DOWNING, Christine. Espelhos do Self. São Paulo: Cultrix, 1991.

DOWNING, Christine. Espelhos do Self. São Paulo: Cultrix, 1991.
_____. Cidade e Alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JAFFÉ, Anieli. O Mito do Significado. São Paulo: Ed. Cultrix, 1983.

JUNG, Carl Gustav. Memórias, sonhos e reflexões. São Paulo: Círculo do Livro, 1961.
_____. Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

WERRES, Joyce. De corpo e alma. Disponível em <http://www.ijrs.org.br/artigos.php?id=62>. Acesso em: 20 jan. 2012.

PENNA, Eloisa M.D. Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C.G. Jung. Dissertação de mestrado do pós graduação de Psicologia clínica da PUC-SP, 2003.
_____. A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico. IN: WERRES, Joyce (Org.). Ensaios sobre a Clínica Junguiana. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005.

SOUZA, Paulo. Stigmata, um filme religioso ou psicológico? Disponível em http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0021. Acesso em: 15 fev. 2012.